

A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN: CONTRIBUIÇÕES PARA A CIÊNCIA PSICOLÓGICA

Correspondência:

Tommy Akira Goto
tommy@ipsi.ufu.br
Mak Alisson Borges de
Moraes
mak.moraes@imepac.e
du.br

Como citar:

Goto, T. A & Moraes,
M. A. B. (2023). A
psicologia
fenomenológica de
Edith Stein:
contribuições para a
ciência psicológica.
Arquivos Brasileiros
de Psicologia, 75,
e007. <https://doi.org/10.36482/arbp.v75i1.16033>

Tommy Akira Goto¹ (Orcid: 0000-0003-4972-7801|

lattes.cnpq.br/0629687499521125)

Mak Alisson Borges de Moraes² (Orcid: 0000-0001-9036-4243|

lattes.cnpq.br/6908158191855260)

¹ Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

² Centro Universitário IMEPAC, Araguari, MG, Brasil



RESUMO

A Psicologia é um ramo científico que ainda encontra algumas dificuldades em demarcar de modo preciso o seu objeto de investigação, o que acabou por gerar diversos problemas epistemológicos e metodológicos. Diante disso, impõe-se uma questão fundamental para a elucidação do objeto da Psicologia: o problema mente-corpo. A proposta desse artigo, nesse sentido, é discutir o problema mente-corpo à luz da Fenomenologia de Edith Stein, buscando a partir daí refletir acerca da possibilidade de uma fundamentação da Psicologia. Para isso, foram analisadas algumas obras da filósofa, a saber: "Causalidade Psíquica" e "Introdução à Filosofia". Desse modo, através das investigações de Stein acerca da *psique* (que pode ser aproximada ao que se entende por mente no âmbito das ciências da mente) e do corpo, conclui-se que é possível conceber a questão *psique*/mente-corpo enquanto uma unidade-dual que se instancia no *Leib*.

PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia fenomenológica; Problema mente-corpo; Fenomenologia.

THE PHENOMENOLOGICAL PSYCHOLOGY OF EDITH STEIN: CONTRIBUTIONS TO PSYCHOLOGICAL SCIENCE

ABSTRACT

Psychology, as a scientific discipline, still grapples with challenges in precisely delineating its research domain, which consequently gives rise to various epistemological and methodological issues. Therefore, a fundamental inquiry emerges for clarifying the scope of Psychology: the mind-body problem. The objective of this article is to explore the mind-body problem through the lens of Edith Stein's Phenomenology, aiming to contemplate the prospect of establishing a foundation for Psychology. To achieve this, several works by the philosopher were scrutinized, particularly "Psychic Causality" and "Introduction to Philosophy." Through Stein's inquiries into the psyche (an approximation of what is understood as the mind within the realm of Mind Sciences) and the body, it is deduced that the psyche/mind-body predicament can be conceptualized as a dual-unity instantiated in the Leib.

KEYWORDS:

Phenomenological psychology; Mind-body problem; Phenomenology.

LA PSICOLOGÍA FENOMENOLÓGICA DE EDITH STEIN: CONTRIBUCIONES A LA CIENCIA PSICOLÓGICA

RESUMEN

La Psicología es una rama científica que aún encuentra algunas dificultades para delimitar de manera precisa su objeto de investigación, lo que ha generado diversos problemas epistemológicos y metodológicos. Por lo tanto, surge una cuestión fundamental para aclarar el objeto de la Psicología: el problema mente-cuerpo. La propuesta de este artículo, en este sentido, es discutir el problema mente-cuerpo a la luz de la Fenomenología de Edith Stein, con el objetivo de reflexionar sobre la posibilidad de fundamentar la Psicología. Para ello, se analizaron algunas obras de la filósofa, a saber: "Causalidad Psíquica" e "Introducción a la Filosofía". De esta manera, a través de las investigaciones de Stein sobre la *psique* (que puede equipararse a lo que se entiende por mente en el ámbito de las ciencias de la mente) y el cuerpo, se concluye que es posible concebir el problema *psique*/mente-cuerpo como una unidad dual que se manifiesta en el *Leib*.

PALABRAS CLAVE:

Psicología fenomenológica; Problema mente-cuerpo; Fenomenología.

Informações do Artigo:

Recebido em: 13/06/2018

Aceito em: 20/06/2022

A psicologia fenomenológica de Edith Stein: contribuições para a ciência Psicológica

Diante das fragilidades epistemológicas e ontológicas da Psicologia científica expostas por Edmund Husserl (1859-1938), fundador do método fenomenológico, comprehende-se que a Fenomenologia se configura como a base metodológica capaz de fornecer o fundamento seguro para essa ciência. A metodologia fenomenológica possibilita uma elucidação rigorosa do objeto de estudo da Psicologia, delimitando assim o seu estatuto ontológico. Husserl propôs uma reformulação da Psicologia por meio de seu projeto de uma Psicologia Fenomenológica, viabilizando a constituição de um alicerce filosófico-metodológico para a Psicologia.

Ao se propor a ser um fundamento metodológico e epistemológico para a Psicologia, a Fenomenologia coloca-se também diante do problema mente-corpo. No atual contexto das Ciências Cognitivas, a Fenomenologia tem sido solicitada a contribuir para pensar essa questão. Entretanto, isso têm ocorrido por meio do projeto de naturalização da Fenomenologia, o qual apresenta equívocos que colocam esse programa em xeque, conforme destacaram Bello (2012; 2014a; 2014b); Tieszen (2016); Goto (2015); Sidoncha (2011); Ramstead (2015); e Zahavi (2013). Dessa maneira, é preciso questionar se é possível refletir acerca do problema mente-corpo através dos aportes da Fenomenologia sem incorrer em um projeto de naturalização dessa.

É nesse sentido que a Fenomenologia de Edith Stein (1891-1942) se insere no âmbito das discussões a respeito do problema mente-corpo. Procura-se, assim, a partir das reflexões de Stein acerca da Psicologia e de suas investigações da pessoa humana, apreender as suas contribuições para o problema mente-corpo e as possíveis implicações para a ciência psicológica.

Deceptionada com a Psicologia científica naturalista de sua época, que chamou de “Psicologia sem alma”, Stein percebeu que essa ciência carecia de bases adequadas para erguer seus

conhecimentos. Desse modo, procurou contribuir para a fundamentação da Psicologia, que era uma de suas grandes preocupações, utilizando a Fenomenologia de Husserl.

É necessário esclarecer em primeiro lugar que Stein não tratou de forma direta em seus escritos sobre a questão mente-corpo. Contudo, isso não quer dizer que as ideias delineadas pela fenomenóloga não possam auxiliar a pensar esse problema, pelo contrário, não é somente possível como necessário inserir o rico pensamento de Stein nessas discussões. Diante disso, antes de passar à discussão, são necessários alguns esclarecimentos terminológico/etimológicos dos termos utilizados em sua análise. Destaca-se que a filósofa não utilizou o termo mente (*mind*) no sentido em que é atribuído nas discussões contemporâneas sobre o problema mente-corpo no âmbito da Filosofia da Mente e das Ciências Cognitivas. Ao se referir à mente, empregou a palavra latina *Mens/Espiritus*, a qual designa, segundo a tradição aristotélico-tomista, a parte superior da alma (Stein, 1922/2002).

Em razão disso, para explicitar as possíveis contribuições da Fenomenologia de Stein para o problema mente-corpo, será realizada aqui uma aproximação terminológica entre os termos mente (*mind*), como é entendido no domínio das ciências da mente; e *psique*, que no pensamento da filósofa se refere à dimensão do humano relativa aos fenômenos psicológicos. Compreende-se que os dois termos indicam o objeto de estudo da Psicologia. Assim, apesar das diferenças entre a investigação fenomenológica e as pesquisas no âmbito das ciências da mente, destaca-se que ambas buscam elucidar o objeto psicológico (Manganaro, 2012).

Ademais, é preciso ressaltar também uma questão linguística que justifica essa aproximação. Na língua alemã não há um correspondente direto para o termo mente. Ao se referir ao objeto da psicologia, os pensadores alemães geralmente utilizam a palavra *Seele* (alma) ou *Psyche*. Logo, além das diferenças epistemológicas, a Fenomenologia e as ciências da mente

também apresentam divergências linguísticas, as quais, entretanto, não impedem uma interlocução entre ambas. Diante disso, é possível realizar sem prejuízos uma aproximação lexical entre os vocábulos mente e *psique*. Pode-se conjecturar, então, que o problema mente-corpo no âmbito da Fenomenologia de Stein pode ser expresso como um problema *psique*-corpo. Em face disso, para compreender a questão *psique*/mente-corpo à luz do pensamento de Stein, recorre-se à Psicologia Fenomenológica delineada pela filósofa, apresentando suas investigações acerca da *psique*, do corpo e de como é possível conceber a relação entre essas duas dimensões.

Levando em conta o objetivo deste trabalho, adotou-se como metodologia a pesquisa qualitativa bibliográfica. Para a investigação das implicações da Fenomenologia de Edith Stein para o problema mente-corpo, foram utilizadas como fonte de pesquisa algumas obras da filósofa, nas quais foi possível depreender suas contribuições para essa questão. Devido à escassez de traduções para o português dos escritos de Stein, empregou-se a tradução espanhola, tomando-se o cuidado de compará-la aos originais, visando manter a rigorosidade dos conceitos trabalhados.

Foram analisados especificamente dois textos da filósofa: “Causalidade psíquica” (*Psychische Kausalität*), presente na sua obra “Contribuições para uma Fundamentação Filosófica da Psicologia e das Ciências do Espírito” (*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*, 1922) e “Introdução à Filosofia” (*Einführung in die Philosophie*, 1922). Nesses trabalhos, a filósofa realizou análises fenomenológicas da realidade psíquica e do espírito, além de discutir a respeito da posição da Psicologia enquanto uma ciência da subjetividade. Portanto, por meio da análise desses textos, buscou-se evidenciar as investigações da filósofa a respeito da *psique* e do corpo, depreendendo então possíveis contribuições para pensar a questão *psique*/mente-corpo.

A dimensão psíquica e seu mecanismo

No início de sua vida acadêmica Stein se interessou pela Psicologia ao cursar as disciplinas do psicólogo William Stern (1871-1938). Entretanto, logo viu as limitações dessa ciência que em decorrência de sua impostação naturalista não conseguiu investigar adequadamente a essência da *psique*, carecendo ainda de bases seguras para erguer os seus conhecimentos. Após seus estudos de Psicologia em Breslau a filósofa chegou à seguinte conclusão: “Todos meus estudos de Psicologia me convenceram de que esta ciência estava ainda engatinhando. Que lhe faltava o necessário fundamento de ideias claras e que essa mesma ciência era incapaz de elaborar esses pressupostos” (Stein, 1922/ 2018. p. 331).

Em decorrência de sua acepção naturalista a Psicologia excluiu as questões relativas ao mundo anímico, reduzindo o psíquico a algo meramente material, concebendo-o como um simples conjunto de sensações sem sentido algum para a vida humana. Conforme apontou Stein (1962/2007), a Psicologia desconectou-se do fluxo da vida anímica, abandonando o seu sentido originário de investigar o “mundo interior”.

Em razão disso, comprehende-se que para se constituir enquanto ciência, a Psicologia deveria esclarecer em primeiro lugar o que é o seu objeto de estudo, isto é, o psíquico. Pode-se perceber que ao longo da história da Psicologia moderna o problema da elucidação de seu objeto não foi tratado de forma sistemática e rigorosa, o que deu origem a diversos equívocos sobre essa questão. Consequentemente, surgiram diversas “Psicologias”, muitas vezes antagônicas entre si, o que resultou em uma multiplicidade desordenada de concepções acerca do psíquico.

Posto isto, ressalta-se que o método fenomenológico se constitui como uma ferramenta apropriada para essa investigação do psíquico. É nesse sentido que seguindo as análises de Husserl a respeito da Psicologia, Stein esboçou uma Psicologia Fenomenológica com o intuito de esclarecer o que é o psíquico ou de forma mais precisa: como o indivíduo psíquico se mostra. A

partir disso, têm-se condições de delinear possíveis contribuições para uma fundamentação da ciência psicológica, destacando assim o seu lugar em relação às demais ciências (naturais e do espírito).

A investigação de Stein (1922/2005) a respeito da *psique* partiu de uma análise da denominada causalidade psíquica. Essa questão remete ao antigo embate entre determinismo e indeterminismo ou em outros termos, liberdade e necessidade. Stein procurou atestar se o psíquico apresenta sua própria conexão necessária de modo análogo à causalidade no âmbito da natureza física. Com isso, colocou-se diante do problema relativo à conexão entre o psíquico e o físico. Acerca dessa questão, historicamente tem-se as clássicas soluções do paralelismo psicofísico e a teoria da interação; ambas as posições apresentam uma postura dualista, porém, enquanto a primeira propõe um paralelismo a segunda defende uma visão interacionista.

Em sua investigação sobre a relação entre o psíquico e o físico e a conexão causal no âmbito psicológico, Stein destacou a falta de clareza a respeito do que é o psíquico. Apesar dos manuais de Psicologia tratarem dessa questão, o fazem de modo superficial e incorrem em um equívoco fundamental: a confusão entre consciência e *psique*. Segundo a fenomenóloga, o psíquico se refere ao “Eu - real” (empírico), isto é, o eu dotado de estados e qualidades reais, de modo que a *psique* deve ser entendida como uma realidade transcendente.

Isso está em concordância com a ideia apontada por Husserl (1952/2005) no segundo tomo de “Ideias” (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie zweites buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*, 1952), de que o psíquico se constitui como uma realidade anímica, de maneira que se têm duas espécies de experiência real: de um lado as coisas materiais enquanto realidade material e de outro a experiência anímica como uma realidade anímica. Assim, Stein apontou que o psíquico (realidade anímica) é o “Eu - real”

ou psicológico, quer dizer, o indivíduo real dotado de uma posição empírica no mundo.

Conforme escreveu a filósofa: “como um ente do mundo real, a *psique* se insere, da mesma forma que a coisa material, nas categorias supremas da realidade” (Stein, 1922/2005. p. 799).

Por outro lado, diferentemente do psíquico encontra-se a consciência que é o domínio das vivências puras, livre de qualquer impostação empírica. O achado da consciência pura vem do resíduo fenomenológico resultante da redução transcendental. Ao buscar uma base segura para o conhecimento, Husserl, a partir do método fenomenológico, reduziu o “Eu - empírico” (psicológico), atingindo assim a esfera pura do transcendental. A consciência transcendental não apresenta qualidades empíricas, mas transcendentais e com isso desvelou-se o “Eu - Puro” (*Reines Ich*), ponto de irradiação das vivências puras (Stein, 1922/2005).

Em síntese, enquanto a *psique* se refere ao “Eu - empírico”, quer dizer, o indivíduo dotado de qualidades reais (realidade anímica); a consciência alude ao “Eu - puro”, a esfera transcendental de onde irradia as vivências puras. Apesar de distintas, *psique* e consciência estão relacionadas. A consciência, em decorrência de seu caráter constitutivo, constitui a realidade anímica. Utilizando a metáfora de Bello (2015), a consciência pode ser comparada a um vidro: por meio desse vidro capta-se tudo que está fora dele e, dessa maneira, a *psique*, enquanto realidade anímica, está fora do vidro/consciência e é captada e constituída por meio dele (a). Em suas investigações sobre a causalidade psíquica, a filósofa concluiu que existe uma conexão entre as vivências, visto que mudanças na esfera dos sentimentos vitais implicam em alterações no transcurso das mesmas.

Para a filósofa, pode-se compreender essas alterações no âmbito do vivenciar como uma causalidade na esfera das vivências. De modo análogo aos nexos causais no mundo físico há na esfera da *psique* uma causalidade psíquica. No campo da realidade física têm-se nexos causais de

maneira que um acontecimento causal é constituído por um acontecer causante, um acontecer causado e uma causa que promove a passagem do primeiro para o segundo. É nesse sentido que, por exemplo, ao soltar um objeto de uma determinada altura (acontecer causante) ele será atraído em direção ao solo (acontecer causado) devido à força da gravidade (causa).

Dessa mesma forma, de maneira similar ao que ocorre no mundo físico, no domínio psíquico também há relações causais. Por conseguinte, como salientou Stein (1922/2005), um impulso pode gerar uma série de modificações no transcurso das vivências determinando não somente a qualidade, mas também a intensidade do efeito resultante. Contudo, apesar da analogia com o mundo físico, a causalidade psíquica possui aspectos próprios que a diferenciam da causalidade natural. Essa questão é de fundamental importância para compreender a essência do psíquico, pois evidencia que a *psique*, apesar de fazer parte da realidade tal como o mundo material, diferencia-se dele apresentando um caráter *eidético* próprio.

Esse é um dos argumentos que fez Stein (1922/2005) se opor à Psicologia de sua época que, ao adotar uma concepção naturalista da dimensão psíquica, buscava conhecer os fenômenos psíquicos pela sua mensuração. Essa postura demonstra a falta de clareza a respeito do objeto de estudo da Psicologia (o psíquico), visto que se reduziu a *psique* a algo meramente físico, desconsiderando o seu caráter *eidético*.

Tratado assim o primeiro questionamento a respeito da existência ou não de uma causalidade na esfera do psíquico é preciso então elucidar agora o mecanismo dessa causalidade. As relações causais no âmbito da *psique* se apresentam como uma concatenação de vivências e para compreender como isso ocorre é necessário analisar detalhadamente de que maneira esse processo está estruturado.

Para Stein (1922/2005), o vínculo causal entre as vivências ocorre a partir das mudanças na esfera vital. Evidencia-se aqui a existência de uma esfera vital que influencia causalmente as vivências. Stein apontou o cansaço e o frescor como dois marcos extremos dessa vitalidade, a qual a partir desses polos apresenta diversos graus de variações, se estabelecendo como um *continuum* (Stein, 1922/2005).

A esfera vital, fundamento da dimensão psíquica, apresenta uma ampla gama de graus de vitalidade. É possível ir desde um estado de intensa excitação até um de extrema letargia, sendo que essas variações determinam modificações causais no vivenciar, o que denota a existência de um mecanismo causal na dimensão psíquica. Logo, para compreender rigorosamente a causalidade psíquica é indispensável empreender uma investigação da esfera vital.

No domínio da esfera vital encontram-se os estados vitais e sentimentos vitais. Os estados vitais correspondem ao modo atual em que se encontra a esfera vital e, por sua vez, os sentimentos vitais constituem o vivenciar esses estados, isto é, sua manifestação na consciência. Contudo, é importante salientar que há a possibilidade de haver estados vitais que não se expressam em sentimentos vitais, quer dizer, que não se mostram à consciência e por isso não são vivenciados, como por exemplo: pode existir um estado de cansaço sem que se dê conta dele.

Em virtude disso, aponta-se que a esfera vital expressa as qualidades de uma realidade. Os diferentes sentimentos vitais correspondentes às condições momentâneas da esfera vital (estados vitais) revelam, nesse sentido, uma qualidade real permanente: a força vital. Assim, a realidade psíquica, isto é, a dimensão psíquica, é constituída por uma qualidade real que Stein denominou de força vital. Conforme Stein (1922/2005) apontou, os diferentes *modus* em que a força vital se apresenta correspondem ao acontecer causante da esfera psíquica. Por conseguinte, as mudanças

na esfera vital são determinadas pelas modificações dessa força. Em outras palavras, os diferentes estados vitais são resultados de um incremento ou subtração da força vital.

Após elucidar como ocorre a causalidade na esfera psíquica, é possível agora compreender como acontece o mecanismo psíquico. Diante das variações da força vital, a receptividade da esfera psíquica é acentuada para determinados conteúdos por meio da ampliação no âmbito do vivenciar ou da intensificação dos conteúdos das vivências. A receptividade se estabelece como uma qualidade da *psique* que apresenta segundo Stein (1922/2005) o seguinte mecanismo: ampliar o vivenciar ou intensificar os conteúdos das vivências demanda inicialmente um consumo de força vital, porém, caso essa ampliação e intensificação se mantenham permanentes, cria-se uma receptividade na esfera psíquica de modo que o vivenciar acontece sem esforço. Em síntese, quanto maior a receptividade, menor é o consumo de força despendido (Stein, 1922/2005).

Uma situação que exemplifica esse mecanismo psíquico são os processos de aprendizagem: ao aprender algo novo despende-se grande quantidade de força vital, pois a receptividade àquela atividade é mínima. Com a prática constante do que se aprendeu, a receptividade aumenta fazendo com que a ação seja realizada sem esforço. Quando se aprende a tocar algum instrumento musical, *e.g.*, inicialmente é necessário um grande consumo da força vital, porém, quando se adquire prática a atividade se realiza de modo automático e espontâneo (Stein, 1922/2005).

Portanto, quando uma ação passa a ser executada sem esforço, a força vital anteriormente desprendida fica disponível para a realização de outra atividade. Caso não houvesse esse mecanismo, a atividade psíquica demandaria uma grande quantidade de força, ocasionando enorme desgaste da esfera vital. Conclui-se com isso que a dimensão psíquica se constitui

enquanto uma esfera passiva e se estabelece como um mecanismo que se regula automaticamente. A fenomenóloga evidenciou, portanto, que não apenas há uma causalidade na dimensão psíquica, cujo substrato é a força vital, mas que o próprio mecanismo psíquico se funda nesse acontecer causal.

A dimensão corpórea: corpo matéria e vivo

Após a descrição fenomenológica feita por Stein da dimensão psíquica é preciso prosseguir a investigação passando do psíquico para o psicofísico. Na acepção de Stein (1922/2005) a *psique* não existe de modo isolado, ao contrário, somente se apresenta vinculada ao corpo. Desse modo, não é possível uma compreensão adequada da *psique* se a Psicologia, por exemplo, não levar em conta a íntima conexão entre o psiquismo e a dimensão corpórea. O “Eu - empírico”, dotado de uma posição real, somente se insere no mundo natural por meio do corpo, ou seja, se constituindo como um sujeito psicofísico.

Em primeiro lugar, entende-se o corpo enquanto uma coisa material. Para compreender esse aspecto da corporeidade Stein realizou uma abstração, suspendendo os aspectos vividos do corpo. Tal abstração é necessária, pois para conceber o homem na sua peculiaridade corporal é preciso destacar antes de tudo o caráter material do corpo. Assim como os demais objetos da realidade natural, o corpo é uma coisa espacial dotada de extensão. Essa faceta meramente material do corpo fica evidente no corpo sem vida, isto é, o cadáver (Stein, 1932/2002; 1922/2005).

Na análise fenomenológica a dimensão corpórea considerada somente no seu caráter material é o que Husserl (1952/2005) denominou de *Körper*. Na língua alemã têm-se duas palavras distintas para se referir ao corpo: *Körper* e *Leib*. O *Körper* indica a dimensão material da corporeidade. Por sua vez, o *Leib* se refere à materialidade do corpo enquanto algo animado, dotado de vida, quer dizer, um corpo-vivo. Nesse sentido, pode-se dizer que o *Leib* é um *Körper*

animado, pois se manifesta por meio da materialidade, porém, não se reduz a ela, visto que se apresenta como algo vivo. Stein segue essa distinção de Husserl destacando ambos os aspectos da dimensão corpórea.

Nesse sentido, o corpo material não pertence a um sujeito que tem um corpo, mas que o vivencia, dado que se apresenta como um corpo-vivo (*Leib*). O *Leib*, portanto, é uma coisa corpórea material que apresenta uma íntima conexão com um sujeito consciente, se estabelecendo enquanto uma matéria animada por um sujeito. Husserl (1936/1991) denominou essa particularidade no § 53 de “Crise” como o “paradoxo da subjetividade humana”, visto que o Eu (Ego) é simultaneamente sujeito e objeto para o mundo.

Diante disso, ao investigar o corpo-vivo, Stein (1922/2005) destacou um aspecto fundamental de sua estrutura: a impressionabilidade, isto é, a capacidade de ter sensações. A despeito de suas qualidades sensoriais o corpo-vivo possui a peculiaridade de ser impressionado. Isso significa que a sensibilidade é uma qualidade do corpo-vivo, o qual se constitui como um corpo senciente.

Todavia, é possível perceber que o corpo-vivo possui algo para além da faculdade da sensibilidade, pois também é dotado de movimento. Enquanto os demais objetos materiais se movem em decorrência de algum fator externo, o corpo-vivo apresenta a qualidade de um movimento próprio, isto é, o impulso para sua mobilidade parte de dentro (Stein, 1932/2002).

Além disso, destaca-se ainda que o corpo-vivo se constitui, conforme Husserl e Stein destacaram, como um órgão da vontade. A ação da vontade é corporificada, isto é, somente pode ser realizada por intermédio do corpo-vivo. Por exemplo, diante da vontade de ler um livro, é preciso se dirigir até a estante e pegá-lo para começar a leitura. A ação dessa vontade, portanto, pode ser levada a cabo unicamente através da mediação do corpo-vivo.

Além desses aspectos ressaltados, o corpo-vivo apresenta ainda outra peculiaridade essencial: a capacidade de expressar a vida interior. A vida anímica caracteriza-se por estar direcionada do interior para o exterior, de modo que ela se explicita por meio do corpo-vivo. Dessa maneira, além de possibilitar a expressão da vontade, o corpo-vivo se constitui também como um órgão de expressão. A vida interior se expressa no corpo-vivo imprimindo-lhe suas peculiaridades. É nesse sentido que é possível captar o estado psíquico de uma pessoa por meio de sua expressão corporal. Um indivíduo alegre irá se apresentar sorrindo, com o corpo esguio e radiante de forma que empaticamente se capta o seu estado vital (Stein, 1932/2002; 1922/2005; 1917/2005c).

Conclui-se que o corpo-vivo, dotado de vitalidade, sensibilidade e movimento, se constitui como um órgão volitivo e expressivo. Por conseguinte, como apontou Stein, o *Leib* é fundamento, expressão e instrumento da vida anímica, visto que essa somente pode ocorrer corporalmente, isto é, por intermédio da estrutura corporal, entendida enquanto corpo-vivo.

Sendo assim, diante das análises apresentadas busca-se explicitar como se estabelece a questão *psique*/mente-corpo à luz das reflexões fenomenológicas empreendidas por Stein. Destaca-se que diante da complexidade do problema e das limitações do presente trabalho, a proposta aqui será refletir acerca dessas questões e não oferecer respostas definitivas.

O problema psique/mente-corpo na fenomenologia de Edith Stein e suas implicações para a psicologia: a unidade corpo e psique

Em face das limitações apresentadas no âmbito das ciências da mente e da própria Psicologia, as quais apresentam predominantemente uma postura fisicalista em terceira pessoa, muitos pesquisadores têm procurado, por meio dos recursos metodológicos da Fenomenologia, considerar a experiência em primeira pessoa (subjetiva). Ao elencar como foco de investigação o

sujeito consciente, a Fenomenologia se mostrou o alicerce metodológico adequado para uma investigação autenticamente científica dessa questão (Cescon, 2013).

Diante desse problema, surge uma primeira questão: como o caráter transcendental da Fenomenologia pode auxiliar na investigação científica do problema *psique /mente - corpo?* Apesar de parecer contraditório, a interlocução da Fenomenologia transcendental com o sujeito empírico ocorre, em primeiro lugar, por uma via negativa (Sidoncha, 2011). Em virtude do caráter encarnado do “Eu - empírico”, realiza-se inicialmente uma suspensão de sua inscrição no mundo natural. Como destacou Husserl (1913/2006) e Stein (1922/2005), para atingir a esfera das vivências puras é preciso suspender qualquer resquício da orientação natural. Portanto, empreende-se uma abstração do “Eu - empírico” buscando alcançar o sujeito transcendental.

Nesse sentido, pode-se questionar se essa abstração implica em uma exclusão do “Eu - empírico”. Apesar das acusações de idealismo transcendental advindas dos próprios discípulos do fenomenólogo, Husserl (1952/2005) e Stein (1922/2005) mostraram que ao contrário de excluir, as investigações fenomenológicas buscam desvelar as condições de possibilidade daquilo que foi suspenso. Portanto, entendendo o sujeito transcendental como condição de possibilidade do “Eu - empírico”, é necessário que esse seja primeiramente suspenso para em seguida ser recuperado por aquele, agora de modo originário.

Ainda, ao destacar o caráter constitutivo da consciência, Husserl (1952/2005) e Stein (1922/2005) procuraram analisar o processo de constituição. Tudo aquilo que foi suspenso por meio das ferramentas do método fenomenológico (*Epoché*, redução) recuperou-se de modo originário através do processo constitutivo.

Diante do exposto, conclui-se que a análise constitutiva se estabelece como o caminho mais adequado para uma investigação fenomenológica do sujeito empírico e consequentemente, da

questão *psique*/mente-corpo. Conforme exposto, ao seguir as reflexões de seu mestre, Stein

(1922/2005; 1922/2005) empreendeu uma profícua análise constitutiva da *psique* e do corpo.

Em sua investigação a filósofa analisou como a partir do “Eu - puro” se constitui o “Eu - empírico” (psicológico). Mas, no que consiste esse “Eu - empírico” ou real? Ele é formado por duas substâncias distintas (corpo e mente) como afirmou Descartes? Ou é apenas algo físico tal como propõe as teorias fisicalistas? Para responder essas questões, recorre-se às investigações fenomenológicas empreendidas por Stein acerca da *psique* e do corpo.

Conforme Stein (1922/2005; 1922/2005) e Husserl (1952/2005) destacaram, a realidade apresenta dois aspectos distintos: a natureza material e a natureza animal (psíquica), ou seja, tem-se uma realidade material e outra psíquica. Não obstante essa distinção admite-se uma concepção unitária da realidade, a qual é entendida como a totalidade das coisas reais. Dessa totalidade destaca-se o aspecto meramente material e também o psíquico, *i.e.*, o âmbito das coisas animadas.

Nesse sentido, o corpo apresenta um traço marcante, pois compartilha dois aspectos distintos. Ao mesmo tempo em que é algo material, também exibe um caráter vivo, pois é uma coisa animada. Consoante ao que foi descrito por Stein (1932/2002; 1922/2005; 1922/2005), o corpo é ao mesmo tempo uma simples matéria (*Körper*) e também um organismo vivo (*Leib*).

Logo, o corpo-vivo, animado pela *psique*, apresenta a peculiaridade de compartilhar tanto uma natureza material quanto psíquica. É importante salientar que a distinção feita por Stein entre os diferentes aspectos da corporeidade, *Körper* e *Leib*, não estabelece uma dualidade na dimensão corpórea como se poderia equivocadamente pensar. *Körper* e *Leib* não são corpos distintos, mas diferentes qualidades de um mesmo corpo.

Em outras palavras, o *Körper* se refere à qualidade material do *Leib*, sem a qual seria impossível sua constituição, dado que ele compartilha uma natureza material. Pode-se dizer que o

Leib contém o *Körper*, mas que o contrário não ocorre, pois aquele apresenta uma materialidade, mas se distingue por não ser uma simples matéria, dado que é animado pela estrutura psíquica. O *Körper* somente se manifesta isoladamente no corpo sem vida, isto é, no cadáver como uma coisa simplesmente dada.

O corpo-vivo (*Leib*) é simultaneamente objeto e sujeito para o mundo, pois é uma matéria animada, dado sua íntima conexão com um sujeito. Stein (1922/2005) assinalou que o *Leib* se estabelece como a origem ou o marco zero de orientação do sujeito (*Nullpunkt*). Assim, o corpo não é percebido da mesma maneira que as demais coisas materiais, pois ele é o ponto a partir do qual ocorre a percepção e a autopercepção.

Ao tocar um objeto material constata-se que ele é diferente do corpo, pois está fora do sujeito, quer dizer, é algo transcendente. Agora, o sentido do tato apresenta uma importância fundamental nesse aspecto, pois através dele é possível delimitar os limites do corpo. Por exemplo, quando a criança explora o ambiente tocando os objetos, isso a auxilia no estabelecimento das fronteiras de seu Eu, de modo que aquilo que é tocado é percebido como diferente dela. Logo, o corpo é o ponto através do qual o sujeito se orienta.

O sujeito não é uma *psique* que está em um corpo, mas sim um indivíduo corpóreo-psíquico. O corpo-vivo apenas se constitui como uma matéria animada devido sua íntima conexão com a *psique*. Em contrapartida, Stein (1922/2005) assinalou também que a *psique* somente se manifesta através de sua conexão com o material, constituindo assim o corpo-vivo. Conclui-se a partir daí a impossibilidade de os fenômenos psíquicos ocorrerem isoladamente, fora do domínio do *Leib*.

Nesse sentido, em concordância com Husserl, Stein concebeu o *Leib* enquanto uma unidade entre matéria e *psique*. Conforme destaca Bello & Manganaro (2012), essa união pode ser

entendida, tal como Stein sugeriu, como uma “unidade-dual”. Isso significa que apesar de corpo e *psique* serem duas estruturas distintas e que não se confundem, ambos somente se constituem a partir de uma unidade.

A compreensão da relação corpo-*psique* como uma unidade-dual, ao mesmo tempo em que busca ressaltar o duplo aspecto do problema, isto é, o corpo e a *psique*, concebe que ambos interagem de modo a formar uma unidade. Depreende-se a partir dessa concepção que corpo e *psique* não se manifestam isoladamente, pois se estabelecem somente no âmbito dessa unidade. Através da noção de *Leib*, concebe-se que a unidade-dual tem como fundamento o corpo-vivo, pois é nele que se instancia a união corpóreo-psíquica (Bello & Manganaro, 2012).

Essa compreensão possibilita estabelecer uma prioridade do psíquico, ou melhor, do *Leib*, visto que a *psique* não se manifesta para além do corpo-vivo e esse somente se constitui como algo vivo devido seu vínculo com um sujeito psíquico. Nesse sentido, como apontam Bello & Manganaro (2012), é preciso fazer uma distinção entre o que é a fonte, isto é, o originário e o que é a base, que fornece sustentação. As pesquisas neurocientíficas, por exemplo, afirmam ser o cérebro a fonte originária das vivências e ao assegurar que determinado fenômeno psíquico se identifica com uma região do cérebro, entende-se que essa localização cerebral é o que dá origem à vivência psíquica. O pressuposto básico das ciências do cérebro é que o substrato material se estabelece como a fonte originária do vivido psíquico.

Entretanto, é preciso questionar essa perspectiva indagando se essa base material é realmente a fonte da vida anímica. Diante das limitações das ciências da mente, é possível concluir que essa perspectiva fisicalista não abarca a experiência subjetiva (primeira pessoa), dado que a linguagem impessoal (terceira pessoa) das neurociências não diz nada a respeito das

qualidades subjetivas da experiência. Percebe-se, assim, que há elementos que vão além do aspecto material (Sidoncha, 2011).

A partir dessas considerações, verifica-se que a fonte originária da vida anímica é a *psique*, sendo o corpo o seu substrato, sustentação, isto é, sua base. O cérebro participa da vida anímica de modo secundário, pois seu funcionamento ocorre devido ao feito de se constituir como parte de um corpo animado por um sujeito psíquico. Portanto, longe de desvalorizar, a Fenomenologia busca ressaltar o caráter originário do psíquico, sem, no entanto, ignorar o seu substrato material. A partir da noção de unidade-dual, considera-se tanto o aspecto material quanto o psíquico, destacando o caráter *eidético* de ambos, isto é, enquanto esse constitui a fonte da vida anímica aquele se estabelece como a base (Bello & Manganaro, 2012).

A compreensão da relação corpo-*psique* enquanto uma unidade-dual, admitida explicitamente pela Fenomenologia de Stein, questiona e coloca em xeque o modelo reducionista do mental. De acordo com o fisicalismo reducionista toda ocorrência psíquica se reduz ao seu substrato físico, o qual corresponde à sua base explicativa ou ontológica, dependendo do tipo de reducionismo. A tese principal do modelo reducionista é de que toda a vida psíquica se exaure nas estruturas biológicas do corpo material, isto é, o *Körper*.

Nesse sentido, contra a preponderância do material defendida pelas teorias reducionistas, a Fenomenologia sustenta uma inequívoca prioridade do *Leib*, isto é, da unidade-dual corpóreo-psíquica. A partir dessa concepção, têm-se condições de superar o modelo reducionista, o qual comprehende o corpo enquanto algo meramente material, promovendo uma depreciação da *psique*. Em contraposição, as investigações fenomenológicas evidenciam que o corpo não é uma simples matéria, pois é animado em decorrência de sua união com a *psique* (Sidoncha, 2011).

A partir dessas considerações é possível constatar os equívocos de certas análises empreendidas pela Psicologia e as Ciências Cognitivas acerca da mente. Diante da falta de clareza a respeito do psíquico, esses campos de investigação o concebem erroneamente, o que denota a necessidade de uma investigação rigorosa da *psique*. De modo geral, as pesquisas psicológicas e cognitivas entendem o psíquico a partir de uma impostação fiscalista, reducionista e quantitativa, expressando suas conclusões por meio de uma linguagem impessoal em terceira pessoa (Stein, 1922/2005).

Diante das análises de Stein (2002; 2005), percebe-se então que a Psicologia e as Ciências Cognitivas investigam o humano a partir do *Körper*, quer dizer, de sua estrutura material e com isso, ignoram os aspectos anímicos *per si*, descaracterizando a unidade-dual corpo-psique. Nesse sentido, entende-se que uma ciência psicológica deve considerar a totalidade do humano, e mais importante, conceber a psique na sua essência. Todavia, a questão que se impõe é se esse tipo de investigação consegue abarcar satisfatoriamente a totalidade do ser humano.

Conforme mostrou as análises de Husserl (1952/2005) e Stein (1932/2002; 1922/2005, 1922/2005), o ser humano compartilha com as demais coisas da natureza uma dimensão material, isto é, o corpo, entendido enquanto *Körper*. Não obstante, se diferencia dos demais objetos, pois o corpo não é algo meramente material. O *Körper* é animado por uma dimensão psíquica, constituindo uma unidade-dual corpóreo-psíquica que se estabelece a partir do corpo-vivo (*Leib*).

A Psicologia, como destacou Stein (1922/2018), é uma ciência que necessita ainda de profundos esclarecimentos para que possa erguer de modo rigoroso seus fundamentos epistemológicos. A consolidação da Psicologia enquanto uma ciência do psíquico depende, portanto, da constituição de bases seguras nas quais as investigações psicológicas possam estar apropriadamente alicerçadas. A inserção da Psicologia no panorama científico vigente ocorreu de

modo controverso e problemático. Primeiramente, a jovem ciência precisava delimitar seu objeto de investigação para circunscrever seu campo epistemológico e ontológico. Com isso, herdou um espinhoso problema filosófico: a questão mente-corpo. Para estabelecer seu estatuto ontológico a psicologia deveria enfrentar esse problema buscando responder o que é a mente e como ela se relaciona com o corpo.

Ainda, herdeira da tradição cartesiana, a Psicologia se constituiu como uma ciência dos fenômenos mentais/psíquicos, quer dizer, tudo aquilo que não faz parte do ser essencialmente coisa material. Entretanto, em decorrência da complexidade de seu campo de investigação e de seus problemas epistemológico-metodológicos, a Psicologia encontrou dificuldades ao delimitar de forma precisa seu objeto, tal como as ciências físicas. Em decorrência disso, ainda enfrenta o problema da indefinição de seu objeto de estudo, o que pode comprometer o seu estatuto científico. Logo, uma elucidação rigorosa do problema mente-corpo se faz necessária para uma precisa delimitação do objeto psicológico e consequentemente a consolidação da Psicologia enquanto ciência.

Adotou-se assim uma concepção naturalista do psíquico que permitiu a inserção da Psicologia no âmbito das ciências naturais. Todavia, isso trouxe graves consequências para a investigação psicológica: ao conceber o psíquico como algo natural, a psicologia incorreu em um reducionismo, desconsiderando a peculiaridade de seu objeto de investigação. Logo, ao invés de defini-lo precisamente, a psicologia científico-natural assumiu uma concepção equivocada do psíquico.

Em face dessa concepção naturalista da psique a Psicologia assimilou o objetivismo fiscalista das ciências naturais. Conforme destacaram Husserl (1936/1991) e Stein (1962/2007), como consequência, a Psicologia negligenciou a subjetividade psicológica, a qual ela deveria

originariamente investigar. Por conseguinte, instaurou-se assim no seu interior uma crise epistemológica. Tal como assinalou Husserl (1936/1991), a crise da Psicologia atingiu o cerne de sua científicidade, pois ao se estabelecer como uma ciência natural, abandonou seu sentido originário de investigar as questões relativas à subjetividade.

A Psicologia negligenciou a vida anímica em si, se atendo meramente ao aspecto natural dos fenômenos. Estabeleceu-se, assim, naquilo que Stein (1962/2007) denominou de uma “Psicologia sem alma”, a qual perdeu o seu sentido para a humanidade dado sua dificuldade em investigar as questões puramente anímicas. Entendendo a alma como aquilo que anima, isto é, que dá vida, depreende-se dessa expressão que a Psicologia não considera a dimensão viva do sujeito.

Considerações finais

Conclui-se a partir dessas considerações que a Psicologia ainda enfrenta problemas na elucidação de seu objeto. Tal panorama epistemológico promoveu diversos equívocos que resultaram na fragmentação dessa ciência, gerando assim diversas “Psicologias”, com diversos objetos, muitas vezes antagônicos entre si. A incompreensão em relação ao seu próprio objeto acarretou uma multiplicidade desordenada de concepções acerca do psíquico, dificultando uma fundamentação rigorosa da Psicologia.

Tanto no âmbito científico quanto profissional constata-se uma diversidade de abordagens e concepções psicológicas que denotam a intensa fragmentação da ciência Psicologia. Além desses fatores, a deficiência na formação dos psicólogos também contribui para a divisão da ciência psicológica, porque preocupados predominantemente com questões práticas, oriundas principalmente da influência das ciências médicas, os psicólogos frequentemente negligenciam os aspectos relativos à fundamentação de sua ciência. Percebe-se, nesse sentido, que a crise

epistemológica da Psicologia afeta todas as esferas, desde a científica até a acadêmico-institucional. Sendo assim, para consolidar seu estatuto científico, a Psicologia deve enfrentar o problema mente-corpo.

É nesse contexto que esse estudo buscou inserir as análises fenomenológicas empreendidas por Edith Stein no debate acerca da questão mente-corpo, destacando suas implicações para a Psicologia. Deceptionada com a Psicologia naturalista de sua época a filósofa buscou fundamentar a ciência psicológica por meio do método fenomenológico. Com isso, esboçou uma Psicologia Fenomenológica delineando uma rica análise acerca da psique com o intuito de desvelar sua estrutura essencial (Moraes, 2016).

Logo, conclui-se que a Psicologia científica precisa empreender uma rigorosa investigação do *Leib*, entendendo que a *psique* se manifesta somente por meio da unidade-dual corpóreo-psíquica que se instancia no corpo-vivo. Depreende-se a partir dessas considerações que as investigações de Stein podem contribuir significativamente para uma adequada elucidação do problema *psique*/mente-corpo. Portanto, a noção de *Leib*, entendido enquanto uma unidade-dual, parece se constituir como uma proposta pertinente para a discussão dessa questão. Porém, longe de ser esgotado aqui, esse questionamento requer contínua investigação para uma compreensão rigorosa e fundamentada do problema *psique*/mente-corpo.

Referências

- Bello, A. A. (2012). Status quaestionis. In A. A. Bello., & P. Manganaro (Orgs.), *E la coscienza? Fenomenologia psico-patologia neuroscienze* (pp. 13-38). Edizioni Giuseppe Laterza.
- Bello, A. A. (2014a). *Edith Stein: a paixão pela verdade*. Juruá.
- Bello, A. A. (2014b). "Intrapessoal" e "Interpessoal": linhas gerais de uma antropologia filosófico-fenomenológica. In J. S. Filho (Ed.), *Empatia. Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas* (pp. 9-28). Edições Loyola.

-
- Bello, A. A. (2015). *Pessoa e Comunidade – Comentários: Psicologia e Ciências do Espírito de Edith Stein*. Artesão.
- Bello, A. A., & Manganaro, P. (Orgs.). (2012). *E La Coscienza? Fenomenologia Psico-Patologia Neuroscienze*. Edizione Giuseppe Laterza.
- Cescon, E. (2013). *Fenomenologia da Consciência e Da Mente*. Educs.
- Goto, T. A. (2015). *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. Paulus.
- Husserl, E. (1991). *La Crisis de las Ciencias Europeas y La Fenomenología Transcendental* (J. Muñoz., & S. Mas, Trad.). Editorial Crítica. (Trabalho original publicado em 1936).
- Husserl, E. (2005). *Ideas Relativas a Una Fenomenología Pura y Una Filosofía Fenomenológica Libro Segundo: Investigaciones Fenomenológicas Sobre La Constitución* (A. Z. Quijano, Trad.). Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1952).
- Husserl, E. (2006). *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica* (M. Suzuki, Trad.). Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Manganaro, P. (2012). Materia (I) Mente? Le "ragioni" del corpo e l'empatia. In A. A. Bello., & P. Manganaro (Orgs.), *E la coscienza? Fenomenologia psico-patologia neuroscienze* (pp. 241 - 377). Edizioni Giuseppe Laterza.
- Moraes, M. A. B. (2016). *O problema mente-corpo na Psicologia Fenomenológica de Edith Stein: implicações para uma fundamentação da ciência psicológica* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório da Universidade Federal de Uberlândia.
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17566/1/ProblemaMenteCorpoPsicologia.pdf>
- Ramstead, M. J. (2015). Naturalizing What? Varieties of naturalism and transcendental phenomenology. *Phenomenology and cognitive science*, 14(4), 929-971.
<https://doi.org/10.1007/s11097-014-9385-8>
- Sidoncha, U. M. (2011). *Do Empírico ao Transcendental: a consciência e o problema mente/corpo entre o materialismo reducionista e a fenomenologia de Husserl*. Fundação Para a ciência e a Tecnologia.
- Stein, E. (2002). *La Estructura de la Persona Humana* (J. Mardomingo Trad.). Biblioteca de Autores Cristianos. (Trabalho original publicado em 1922).

- Stein, E. (2005). *Obras Completas - Escritos Filosóficos: Etapa Fenomenológica* (C. R. Garrido., & J. L. Bono Trads.). Editorial Monte Carmelo. (Trabalho original publicado em 1922).
- Stein, E. (2007). *Obras Completas - Escritos Filosóficos: Etapa Del Pensamiento Cristiano* (A. Pérez., J. Mardomingo., & C. R. Garrido Trads.). Editorial Monte Carmelo. (Trabalho original em 1962).
- Stein, E. (2018). *Vida de Uma Família Judía e Outros Escritos Autobiográficos* (M. C. V. Vollny., & R. Kirchner Trads.). Paulus. (Trabalho original publicado em 1922).
- Tieszen, R. (2016). Eidetic Results in Transcendental Phenomenology: Against naturalization. *Phenomenology and The Cognitive Sciences*, 15(4), 489-515. <https://doi.org/10.1007/s11097-015-9428-9>
- Zahavi, D. (2013). Naturalized phenomenology: a desideratum or a category mistake? *Royal Institute of Philosophy Supplement*, 72(1), 23–42. <https://doi.org/10.1017/S1358246113000039>